
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

CONHECIMENTO, RESPEITO E LIBERDADES NOS NÚCLEOS DE ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE DAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA EM PERNAMBUCO*

Jacquelane Bezerra dos Santos**

Resumo

A organização da vida social é tratada a partir de acordos formalizados em diversos níveis e setores da vida do sujeito social, uma das instituições onde isso primeiro é tratado, é na escola, sanções e desaprovações do que é lícito, devido, ético e moral, politicamente correto ou não na vida em sociedade. Mas a partir de que visão, esse modo de vida decente pode ser paramentado? Quem são os autores que regulamentam esses parâmetros no ambiente escolar? Há influência de credo religioso por parte daqueles que normatizam o convívio? Hoje em dia temos uma forte discussão do que pode ou não tratar sobre gênero e sexualidade com jovens e adolescentes na escola num contexto de laicidade e liberdades sexuais e religiosas. O presente trabalho tem como objetivo apresentar embate político e religioso da escola e a preparação dos docentes que regem os núcleos de estudos sobre gênero e sexualidade nas Escolas de Referência em Ensino médio de Pernambuco, bem como a influência da religiosidade dos docentes e discentes destes núcleos e as contribuições ocorridas para a construção da cidadania, refletindo para uma sociedade de respeito e paz em meio a diversidade religiosa e de gênero.

Palavras-chave: Laicidade. Sexualidade. Gênero. Religião.

Introdução

Faremos inicialmente um apanhado teórico a respeito da temática abordada, no qual trazemos Foucault, como principal referência para tratar da relação de poder, seguido de outros autores, que servem arcabouço para o discurso que se segue durante a pesquisa de campo. A outra etapa do trabalho trata da pesquisa de campo propriamente dita: o funcionamento dos núcleos de estudos e qual o reflexo das discursões sobre sexualidade,

---

* Trabalho apresentado no GT 13 – **Gênero, Religião e Espiritualidades**, do III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

** Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: jacquelane2@hotmail.com

para à vida social desses jovens. O método utilizado foi a pesquisa etnográfica e análise do discurso.

Deixemos o mutismo de lado

Há uma necessidade trivial na educação de jovens, em abordar temas conflitantes como gênero e sexualidade. Mesmo com muitos entraves políticos e ideológicos, frente as muitas barreiras, os núcleos de estudos de gênero e sexualidade das Escolas de Referência em Ensino Médio (EREMs) de Pernambuco, empenham-se no enfrentamento da violência de gênero, principalmente na formação de profissionais com condutas adequadas e eficazes, que possam atender as necessidades intelectuais, e sede de saber, dos adolescentes que compõem os núcleos, mas que sirva também como multiplicador de uma postura adequada socialmente, que pregue o respeito as diferenças e diversidades, em prol de uma sociedade com equidade.

E precisamos sim, falar de equidade, se quisermos tratar de sexualidade com nossos adolescentes, e é necessária utopia política para manter a bandeira erguida

> O sexo seus efeitos não são, por ventura, fáceis de decifrar, em compensação, assim recolocada, sua repressão é facilmente analisada. E a causa do sexo – de sua liberdade, do seu conhecimento e do direito de falar dele – encontra-se, com toda legitimidade, ligada às honras de uma causa política: também o sexo se inscreve no futuro (FOUCAULT, 2013, p. 10).

A equidade como direito, pode ser sintetizada em fazer, chegar, onde a justiça não alcança, ponderando o bom emprego das leis, sem a rigidez jurídica, de modo que esta não prejudique sujeitos ou casos específicos, resguardando porventura, a inobservância de determinadas leis.

Criar formas de orientação sexual no ambiente escolar é algo com bastante resistência, que parte principalmente, pelos dogmas religiosos, dos pais que evitam diálogos mais aprofundados com seus filhos, por vergonha talvez; dos professores que não estão preparados

pedagogicamente para tratar do tema, de forma ampla e imparcial, sem trazer ao discurso preceitos religiosos; Ou dos gestores que preferem manter certos temas, polêmicos, para fora dos muros da escola, deixando a cargo da família, apenas, a missão de orientar a conduta sexual e moral do adolescente. Pois, segundo ENDSJO[1], é difícil, talvez impossível, descobrir o que veio primeiro, os padrões sexuais culturais ou as regras religiosas para o sexo. E podemos observar que com o conhecimento sobre sexualidade, frente a liberdade de tratar sobre ela, existia um confronto direto sobre a fé do sujeito, tendo este muitas vezes que escolher entre a racionalidade e liberdade sobre sua sexualidade ou a seus preceitos religiosos e sua fé.

> A fé cristã é, desde seus primórdios, sacrifício, sacrifício de toda liberdade, de toda independência do espírito; ao mesmo tempo, escravização e escárnio de si mesmo, mutilação de si. Deseja-se a crueldade religiosa para impor essa fé a uma consciência enfraquecida, complicada e viciada, fé que parte do pressuposto que uma sujeição do espírito provoca uma dor indescritível, que todo o passado e todos os hábitos do espírito se rebelam contra o *"absurdissimum"* que representa para ele uma tal fé (NIETZSCHE, 2001, p. 58).

Não há como não falar das religiões cristãs, pois foi verificado que o público pesquisado é cerca de mais de 95% composto por pessoas ligadas ao cristianismo, em diferentes denominações. O panorama religioso se diversificou em termos de afiliações religiosas, mas dados dos censos demográficos, mostra que houve importante redução na proporção de pessoas autodeclaradas católicas, passando de 95%, em 1940, para 64,6%, em 2010, e a proporção de protestantes aumentou de 3% para 22,2%, no mesmo período. Já os que se denominam sem religião passaram de menos de 1% para 8%, do total, porém, estes que se denominam sem religião, não necessariamente, se denominam ateus. (MARIANO, 2004; COSTA et al., 2005; ALVES; NOVELLINO,2006; IBGE, 2012). E a fé move o indivíduo,

[1] ENDSJO,2014, p. 13.

de modo que ele se posicione a favor ou contra algumas condutas. No plano geral, fé em excesso implica aversão a sexo (ENDSJO,2014, p. 37), no cristianismo isso é muito forte, perceber o sexo como algo negativo, e que evita-se o falar sobre, para não causar desconforto ou conflitos entre os dogmas.

A proposta de liberdade nos núcleos de estudo de gênero e sexualidade, não é se contrapor aos ensinamentos religiosos, aprendidos no seio familiar, mas tratar de responder a questionamentos, próprio da idade, e ter conhecimento de assuntos que possam preveni-los de embaraços futuros, ou até mesmo de assegurá-los à vida, já que o conhecimento do próprio corpo, poderá evitar comportamentos que sejam nocivos à saúde física e psicológica do sujeito.

Abordar sexo, sexualidade e liberdade, mesmo em ambiente tido como laico, e isto ainda, envolvendo identidades de gênero, não é algo tão tranquilo. Temos que enfrentar pensamentos diversos, tocar em assuntos que são tabus, ainda hoje. É pisar em ovos, constantemente. Pois criou-se uma utopia machista, perante o assunto sexo, ao qual o tema e sua prática ficou por muito tempo escondido, em casas "próprias para isso", onde à "mulher direita" tinha que se dá o respeito, vestir-se de forma apropriada e escolher com decência o que iria conversar e com quem. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (FOUCAULT, 2013, p. 9).

> [...] de Platão a Herbert Marcuse, passando por Fourier e Marx, a matriz ideológica para a formulação das utopias jamais abandonou o preceito da obediência as leis do pai hora reverenciado na filosofia, na religião e na ciência, hora como fundamento para as sociedades desejadas, mesmo que alguns utópicos tenham discorrido sobre o amor livre, sobre a liberdade da mulher e a extinção da família. (BUARQUE. Cristina p. 27).

A escola como local de conhecimento, sendo ela pública respaldada pela laicidade, conferida constitucionalmente, sendo assim está longe de

manter a neutralidade sobre certos assuntos, e a interdependência das diversas instituições que a compõem ou influenciam direta ou indiretamente, a tornam muitas vezes em locais de conflitos, que ao se contradizerem, tornam o convívio, muitas vezes inóspito, causando, quase que sempre, uma assimilação ou acomodação diante dos autores que a regulamentam. [...] se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável (FOUCAULT, 2013, p. 9). Em pleno século XXI, o machismo, patriarcalismo e a intolerância ainda é muito forte dentro das instituições de ensino, mesmo sendo um local de profunda diversidade, a opressão as minorias, ainda que de forma sútil, não passa desapercebida. E seguindo o pensamento foucaultiano, é necessário transgredir as leis, suspender tais interdições para se restituir o prazer real, e toda uma economia dos mecanismos de poder[2]. Há resistência, de fato, mas também há um respaldo legal, que assegura o não mutismo, sobre a temática: sexo. Bem como, os diversos temas que o complementam.

> A sociedade não comporta uma única contradição. Há três fundamentais, que devem ser consideradas: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe. Com efeito, ao longo da história do patriarcado, este foi-se fundindo com o racismo e, posteriormente, com o capitalismo, regime no qual desabrocharam, na sua plenitude, as classes sociais. Acham muitos que a opressão (exploração-dominação) não só das mulheres, mas também delas, era muito mais aguda no passado remoto. O capitalismo teria aberto as portas do mundo do trabalho para a mulher. Não foi nem é assim. O capitalismo abriu as portas sim, mas do emprego, pois as mulheres já trabalhavam, havia muito tempo, mais que os homens. A realidade social é contraditória, comportando avanços e retrocessos. Como ilustração destes últimos, lembra-se a Lei 9.099/95, que liberou os maridos e companheiros para a agressão física, psicológica e sexual contra suas mulheres. (SAFFIOTI, HELEIETH I. B. p. 73).

[2] FOUCAULT, 2013, p. 9.

Diante das mudanças ocorridas nas sociedade modernas ocidentais, faz-se necessário o diálogo sobre sexo, sexualidade e Gênero nas escolas, isso com o aval das instituições governamentais, que mesmo no relutante discurso em defesa da família tradicional, é imprescindível ocupar os espaços públicos, laicos, em prol de algo maior que é a saúde psicológica e física dos nossos jovens, e estes produzirem uma convivência salutar no ambiente escolar, de respeito as liberdades individuais, refletindo para uma sociedade harmoniosa.

Núcleos de estudo de Gênero e sexualidade

A história dos núcleos de estudos sobre sexualidade e Gênero, nas escolas públicas de Pernambuco, está entrelaçada com o Movimento de Mulheres, que surge em 2007 como políticas públicas para o combate à violência de gênero, extremamente forte na época, quando o referido estado, ocupava o 2º lugar entre os estados brasileiros em violência contra as mulheres em 2006.

A efetivação das políticas públicas de gênero, faz parte de de uma das grandes preocupações e desafios para a acentuada redução nos níveis de violência do nosso estado, fazendo com que estes núcleos de estudos, sejam a melhor arma, para isso, visto que é na base educacional que formamos princípios éticos e morais, para uma postura adequada em sociedade, contribuindo para a equidade entre os sexos.

Atualmente são 156 Núcleos nas escolas de ensino médio em Pernambuco, mais 118 Previstos para implantação neste ano de 2016. Na região metropolitana eles são um total de 70 núcleos, em 35 escolas, distribuídos conforme tabela abaixo:

Nº Ord.	EREM	MUNICÍPIO	REGIÃO	Qt. participantes
01	Ginásio Pernambucano	Recife/ Rua da Aurora	RMR	02
02	Professor Trajano de Mendonça	Recife	RMR	02
03	Desembargador Renato Fonseca	Olinda	RMR	02
04	Augusto Pradines	Itamaracá	RMR	02
05	Padre Osmar Novaes	Paulista	RMR	02
06	Cabo de Santo Agostinho	Cabo	RMR	02
07	Conde Pereira Carneiro	São Lourenço	RMR	02
08	Frei Otto	Ipojuca	RMR	02
09	Augusto Severo	Jaboatão/Piedade	RMR	02
10	Antônio Souto Filho	Olinda	RMR	02
11	Professor Cândido Duarte	Recife	RMR	02
12	Santa Ana	Olinda	RMR	02
13	Sofrônio Portela	Moreno	RMR	02
14	Eurídice Cadaval	Itapissuma	RMR	02
15	Maria Vieira Muliterno	Abreu e Lima	RMR	02
16	Jordão Emerenciano	Recife/Ibura	RMR	02
17	Senador Paulo Guerra	Recife/Tejipió	RMR	02
18	Padre Francisco Carneiro	Olinda	RMR	02
19	EREM Beberibe	Recife	RMR	02
20	Nóbrega	Recife	RMR	02
21	Clóvis Bevilaqua	Recife	RMR	02
22	Othon Paraíso	Recife/Bongi	RMR	02
23	Carlos Federico do Rego Maciel	Camaragibe	RMR	02
24	Profº Moacir de Albuquerque Carvalho	Jaboatão	RMR	02
25	Porto Digital	Recife	RMR	02
26	Álvaro Lins	Recife	RMR	02
27	Pastor José Florêncio	Cabo	RMR	02
28	Ginásio Pernambucano	Recife/Cabugá	RMR	02
29	Santos Dumont	Recife	RMR	02
30	EREM Sizenando Silveira	Recife	RMR	02
31	EREM Joaquim Nabuco	Recife	RMR	02
32	EREM Silva Jardim	Recife	RMR	02

33	EREM Maria Gayão Pessoa Guerra	Araçoiaba	RMR	02
34	Escola Almirante Soares Dutra	Recife	RMR	02
35	Escola Técnica Estadual Alcides do Nascimento Lins	Camaragibe	RMR	02
RMR Total: 35 escolas				70

*Dados coletados pelo centro de formação da Secretaria da Mulher e Sec. De Educação

Funcionamento dos Núcleos e a religiosidade dos atores sociais envolvidos

A partir da observação feita em duas EREMs[3], localizadas no centro do Recife, mais precisamente nos bairros de Boa Vista e Santo Amaro, podemos perceber melhor a importância destes núcleos de estudos e seu funcionamento. Principalmente no que tange a respeitabilidade entre estudantes, professores e gestão, também perpassando para seu convívio social, fora dos muros da escola.

Com o estudo etnográfico, foi possível observar uma não padronização entre os núcleos. As escolas, objetos de pesquisa, foram: a Escola Sizenando Silveira e o Ginásio Pernambucano. Esta não padronização, foi verificada no GP[4], onde há dois núcleos. Um que é voltado as turmas dos primeiros anos do ensino médio, são estudadas as questões de sexualidade e gênero, por um viés biológico e cristão, seguindo a formação acadêmica, da professora a frente deste núcleo. Enquanto o outro voltado para as turmas dos segundos anos do ensino médio, são abarcados por conceitos e visões sociológicas, levando a um discurso laico e mais amplo dos temas abordados.

> Talvez tenha havido uma depuração — e bastante rigorosa — do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha

[3] EREM – Escola de Referência em Ensino Médio de Pernambuco.
[4] Ginásio Pernambucano.

> codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. Ela se integra nessa política da língua e da palavra — espontânea por um lado e deliberada por outro — que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica (FOUCAULT, 2013, p. 19-20).

Houve um evento em comemoração ao dia da visibilidade lésbica, no qual podemos acompanhar a exibição do filme "Amor por Direito", e ao final ocorreu um debate acerca do filme e do funcionamento no núcleo, para as turmas dos segundos anos da EREM Ginásio Pernambucano[5]. Percebemos, entre as falas das técnicas pedagógicas da Secretaria da Mulher, os desafios e resistências enfrentadas, nas escolas onde funcionam determinados núcleos, que segundo o discurso da técnica da SecMulher[6], isso ocorre principalmente por motivos de dogmas religiosos, e que não basta abrir os núcleos, é necessárias formações constantes com os professores, de modo que os educadores responsáveis por estes espaços de debate, tenham princípios laicos para conduzi-los e compreender a importância destes, para o surgimento de uma sociedade digna, justa e respeitosa, que produza equidade entre os gêneros.

Ao observarmos a Escola Sizenando Silveira, percebemos a não concordância com os dados oferecidos em tabela, pela secretaria da Mulher e Secretaria de Educação, onde informa a existência de dois núcleos e na realidade só há um em funcionamento. Fizemos uso de entrevistas não

[5] A EREM Ginásio Pernambuco referida, está localizada na Rua da Aurora, em Recife. Fez –se necessária a ressalva, devido haver uma outra Escola de mesmo nome, na Avenida Cruz Cabugá.
[6] Secretaria da Mulher.

estruturadas para obter informações mais precisas da realidade destes espaços, os nomes dos entrevistados são identificados pelas suas iniciais, para resguardá-los e por se tratar de menores, este grupo é formado por 10 adolescentes, 8 com 17 anos e 2 com 16 anos, sendo 2 estudantes do sexo masculino e 8 do sexo feminino, porém, no momento das entrevistas só estavam presentes um total de 7, no qual foram escolhidas 2 entrevistas não estruturadas, para compor um quadro que verifique a laicidade da instituição de ensino público, e se há alguma influência o pertencimento religioso próprio, sobre sua sexualidade e na construção da identidade de gênero do adolescente. Tomando como referência o discurso em Foucault, a verdade é inexistente fora das relações de poder, podendo ocorrer uma verdade produzida, trazendo benesses aos que estão à frente, de algumas instituições. Seguindo estes pensamentos, houve a necessidade de coletar os dados, a história destes atores sociais.

Iniciamos a entrevista em grupo, perguntando, quando começou a funcionar o núcleo de estudo de gênero e sexualidade no Sizenando Silveira?

> *O núcleo funciona há um ano e meio, antes eram oficinas, que depois acabou e ficou só o curso do núcleo de gênero e sexualidade (TG).*

Em seguida, indagamos pelo principal motivo que os levou a escolher este núcleo de estudos, obtendo as seguintes respostas:

> *- Viviane[7] é legal (RS);*
>
> *- adquirir conhecimento(CR);*
>
> *- Porque a professora queria debater esta temática, que não era debatida em lugar nenhum(EP);*

[7] Viviane Araújo é o nome da Professora de História, responsável pelo núcleo na escola.

- Eu fui mais pra debater sobre o feminismo, igualdade de gênero, campanha LGBT, todo esse negócio, mas, mas para aprender mesmo a falar sobre essas coisas(ME);

- no meu caso foi mais conhecimento, pra ver o que realmente tá acontecendo na área dos gêneros, no caso preconceito está acontecendo na LGBT e... circunstâncias, o que as mulheres pensam, o que realmente é feminismo, entre outras coisas. (TG).

Após os questionamentos perguntamos sobre pertencimento de todos os entrevistados, e nos surpreendemos em saber que dos 8 entrevistados, apenas 1 deles pertencia a uma religião, enquanto os demais se autodeclararam sem religião e/ou agnóstico, mas não ateus. Também foi percebido em seus discursos, um alto grau de entendimento sobre seus papeis sociais, como também uma forte empatia pela diversidade de gênero, o que veio a reforçar a importância destes núcleos, como produtores de uma consciência respeitosa, e a própria escola como lugar de libertação, visto que estes adolescentes, passam cerca de 9h de seu dia, dentro desses espaços, não reprimem suas vontades, no sentido de expressar seus desejos.

Analisando o discurso de um dos adolescentes, percebemos que começam os conflitos dogmáticos, quando começam a ampliar seus conhecimentos, e respeito as diferenças. Quando perguntei a CR, de 17 anos, que se declarou sem religião, mas não ateu, se a família dele era religiosa. Ele fez o seguinte relato:

- Minha mãe é católica. (+) assim... eu fazia parte de uma igreja, faz pouco tempo, faz uns 3 meses que saí de lá. (+) era uma igreja evangélica, a Verbo da vida. (+) Aí... depois de alguns debates, de alguns conceitos que eu acabei recebendo, eu resolvi sair, mas com muita dificuldade também, porque... assim, é... quando era na igreja,

> *tínhamos muitas limitações, como todo mundo sabe, por exemplo essa da sexualidade, por exemplo, e eu acabei tendo uma noção de que eu não achava isso, e que eu..., e depois de um tempo que eu recebi essa noção, eu continuei na igreja, mas depois eu me senti um pouco deslocado, porque pra mim não fazia sentido, eu tá numa igreja seguindo uma coisa, mas não era aquilo 100%. Ai...eu acabei saindo, mas eu ainda acho umas coisas legais, outras não. Mas pra ficar nesse meio à meio, eu não gosto não. Até minha fé eu acho meio confuso (risos).*

Decerto que a adolescência em sí, é conflitante, mas o refletir sobre as questões sociais e os diversos sujeitos, faz do esclarecimento uma libertação, e uma indignação as desigualdades e práticas cidadãs. Como bem falou Saffiote:

> Uma sociedade igualitária prescinde de ideologias, mas nunca as sociedades clivadas por desigualdades sociais (a redundância é proposital) o farão. Nenhuma sociedade, creio eu, poderá dispensar as representações, verdadeiros veículos da interação social.
>
> Enquanto se viver em uma sociedade ideológica, haverá sempre espaço para o achismo. A melhor maneira de não temer os esquemas patriarcais de pensamento consiste em lutar, de todas as formas possíveis, por uma sociedade menos injusta. Isto equivale a desenvolver uma práxis conforme a este objetivo, seja falando curto e grosso no banco, exigindo o cumprimento das leis ou trabalhando para mudá-las, e brigando com machistas de todos os naipes, trate-se de homens ou mulheres, de presidente da Comissão de Justiça e Paz ou da República. (SAFFIOTI, 2000, p. 74, 75).

Foi no discurso do único pertencente de uma religião do grupo, que podemos constatar a real mudança de postura dos jovens, assistidos pelas políticas públicas sobre gênero e sexualidade. T G, tem 17 anos é evangélico da Assembleia de Deus. E nos proferiu o seguinte discurso:

> *Me converti a cerca de 3 meses, eu...como posso dizer? Eu era teísta, alguém que acredita em Deus na formação da ciência. Aí... me tornei*

> *evangélico porquê... por alguma razão estava perdido, e uma tia minha me levou na igreja evangélica assembleia de Deus, eu senti alguma coisa por lá, e acabei ficando. Nenhum motivo especial mesmo, é um lugar bom de se estar, as pessoas são muito gentis, as pessoas sempre me acolheram com muita fé.*
>
> *É assim, a igreja tem uma forma bem simples de pensar, que o homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem. Eu discordo, não vou mentir, e continuo discordando, pois pra mim... se há amor na relação não importa o sexo. Se você quiser se envolver com um homem ou uma mulher, por mim ótimo! É uma escolha sua. Igreja nenhuma pode impor isso. Assim, eu não sigo todos os dogmas da igreja, mas como eu gosto muito da igreja que me acolheu, eu acabei ficando por lá, como eu falei.*

Percebemos que a reflexão trazida para dentro das escolas, com os núcleos de estudo de gênero e sexualidade, abri o um novo horizonte, uma esperança para uma sociedade mais justa, com equidade de gênero e menos violenta. Pernambuco em 2000, era o 1º estado em casos de violência contra mulher, em 2006, estava em 2º lugar neste ranking, mas a partis do surgimento das Políticas Públicas de combate a este tipo de violência urbana em 2007, foi possível perceber uma acentuada diminuição destes casos, estando hoje em 10º lugar entre os estados brasileiros. Decerto que estamos muito distantes do ideal, mas é visível a mudança na mentalidade dos jovens que recebem orientação adequada para combater este mal. E mesmo partilhando de doutrinas religiosas que corroborem para uma separação entre os gêneros, a conscientização de igualdade, perpassa os dogmas religiosos, nos trazendo esperança de um futuro melhor.

Referências

Buarque, Cristina. **Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs. Recife:** GT Gênero Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política.** Rio de Janeiro: Forense, 2004.

_____. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. v. I

_____. **História da Sexualidade**: Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade**: o cuidado de si. São Paulo: Paz e Terra, 2014. v. III

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, IBGE, 2010, p. 1-215.

SAFFIOTI, H. B. **"Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?",** IN: Crítica Marxista. Nº11. São Paulo: Boitempo, 2000.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos Avançados, v. 18,n. 52, p. 121-138, 2004.

NIETZSCHE, F W. **ALÉM DO BEM E DO MAL**. Curitiba: HEMUS S.A, 2001

RIBEIRO, M.O. **A sexualidade segundo Michel Foucault:** uma contribuição para a enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem USP, v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.